

OS CONCEITOS DE CURA E TRANSFORMAÇÃO EM FREUD, LACAN E BADIOU

The concepts of cure and transformation in Freud, Lacan and Badiou

Manuela Sampaio de Mattos *

Resumo: Este trabalho procura relacionar o conceito de cura em Sigmund Freud e em Jacques Lacan com o conceito de transformação em Alain Badiou. Para o desenvolvimento da questão será feita, inicialmente, uma comparação entre os significantes cura e tratamento em Psicanálise, de modo a apontar particularidades referentes ao percurso de uma análise, sobretudo ao que diz respeito às transformações possíveis na vida do sujeito ali onde de fato houve uma análise. Em um segundo momento, as mudanças salientadas serão cotejadas com o conceito de transformação concebido por Badiou.

Palavras-chave: cura, tratamento, Psicanálise, transformação.

Abstract: This work seeks to relate the concept of cure in Sigmund Freud and Jacques Lacan with the concept of transformation in Alain Badiou. For the development of the question a comparison will be initially done, relating the significant cure and treatment in Psychoanalysis to point out particularities regarding the course of an analysis, especially concerning the possible transformations in the life of the subject, where in fact happened an analysis. As a second step, the highlighted changes are going to be collated with the concept of transformation thought by Badiou.

Keywords: cure, treatment, Psychoanalysis, transformation.

A “cura” em Freud

No texto “Análise terminável e interminável”, de 1937, Freud delineia o que ocorre no momento crucial em que um percurso de análise pode se ver interrogado pelo seu término, na medida de sua própria impossibilidade de terminar. Diz-nos ele que o próprio analista deveria submeter-se novamente a uma análise, de modo que “não seria apenas a análise dos pacientes, mas sua própria análise que se transformaria de terminável em interminável”.¹ Neste texto do final de sua vida, Freud nos deixa a questão sobre o final de análise em aberto. Mesmo apontando para o complexo da castração como o rochedo ao qual inevitavelmente choca-se e debate-se o analisando que efetivamente passou por um processo de análise – entrave de caráter aparentemente intransponível -, Freud assume a postura peculiar de não poder contar com o êxito de dominação dos impasses relativos à diferença sexual. Com isso, ele nos dá um testemunho de uma abertura relativa àquilo que pode ser o final de uma análise, abertura que necessariamente aponta para a posição singular que cada analisando pode adotar frente a sua condição enquanto sujeito relacional.

Freud nos dá contornos acerca da direção do tratamento dizendo que o seu final repercutiria uma mudança de atitude diante da condição humana que se vê às voltas com a castração, e isso certamente não se dá, de acordo com a leitura atenta de seu texto, de forma pré-determinada.

Uma interpretação corrente dos estudiosos da Psicanálise acerca do rochedo da castração considera que a mudança de atitude frente a esta barreira proposta por Freud diz respeito, unicamente,

* Mestranda em Filosofia (PUCRS), bolsista CAPES/PRODUP. manumattos@hotmail.com

¹ FREUD, Sigmund (1937). Análise terminável e interminável .In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud : edição standard brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. P. 266.

ao caráter biológico da castração devido à diferença anatômica existente entre os sexos. Portanto, para tal interpretação, esta limitação da intervenção analítica pelo fato de ter sido encontrado, através de uma impressão de Freud, um ponto de origem do inanalísável, relaciona-se ao estritamente biológico: “ao desejo do pênis na mulher e o protesto viril no homem, ou seja, a recusa da feminilidade e da bissexualidade psíquica”, o que se remete “ao rochedo do biológico e da diferença dos sexos: estes escapariam à representação e portanto a uma inscrição psíquica, dependendo de uma realidade externa ao sujeito”.²

Acontece que o biológico, em Freud, está inevitavelmente atrelado ao discurso social. Em suas palavras, no texto “Construções em análise”: “se considerarmos a humanidade como um todo e substituirmos o indivíduo humano isolado por ela, descobriremos que também ela desenvolveu delírios que são inacessíveis à crítica lógica e que contradizem a realidade”.³ Por isso, os aspectos pontuados por Freud sobre o final de análise e até mesmo sobre o feminino, em outros textos, não podem ser apenas recortados e apontados como uma postura biologicista e preconceituosa do autor, pois estão em constante diálogo com os seus demais textos de transmissão da Psicanálise que abordam a complexidade atinente ao inconsciente e ao sofrimento humano de forma não passível de reducionismo. Este é um ponto bastante discutível em sua obra e que, neste momento, deverá restar em suspenso, muito embora eu já tenha lançado aqui o lugar de onde leio suas palavras.

Ainda sobre o processo (in)terminável de análise em Freud, seria possível afirmar que, ali onde venha a acontecer uma análise, esta proporciona ao sujeito uma transformação? Talvez o que seja possível dizer é o seguinte: em uma análise propriamente dita o sujeito coloca-se em causa e isto faz com que o mesmo situe-se em um processo que, no que diz respeito à decifração do inconsciente, sua análise seja, por um lado, interminável. No entanto, isso não impede que uma análise chegue ao fim, pois não é a cura que deve advir, já que a análise ao menos deveria revelar a incerteza sobre o que seria o bem para um sujeito. Por tal motivo, a mudança de posição em relação à falta representaria, sim, uma transformação que só pode ser conseguida parcialmente, pois “partes dos antigos mecanismos permanecem intocadas”.⁴

A “cura” em Lacan

O texto de Lacan “*La direction de la cure et les principes de son pouvoir*”, datado de 1958 e publicado nos *Écrits*, foi publicado em português com o título: “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. Em inglês, também foi feita a opção pela palavra tratamento no lugar na

² SÉDAT, J. Psicanalista (verbeta). In: KAUFMANN, P. (Ed.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*, p. 432.

³ FREUD, Sigmund (1937). Construções em análise .In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud : edição standard brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. P. 286.

⁴ FREUD, Sigmund (1937). Análise terminável e interminável .In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud : edição standard brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. P. 245.

palavra *cure*: “The Direction of the Treatment and the Principles of Its Power”. Que a palavra *cure* tenha sido traduzida por tratamento significa um deslocamento importante a ser pensado, pois, apesar de nos Escritos em português constar a palavra tratamento, alguns teóricos brasileiros utilizam a palavra cura. Seria necessário analisar a que Lacan referia-se ao utilizar a palavra *cure* em determinados casos e *guérison* em outros (como é o caso, por exemplo, de quando constrói a crítica à psicologia do ego e suas ideias de domínio do eu para que este adapte-se à realidade). Da obra de Lacan é possível extrair uma concepção respeitável de temporalidade, atrelada ao que o autor concebe como direção do tratamento, considerando, sobretudo, que neste movimento desenvolve-se uma “relação dialética entre a visada narcísica do objeto *a* e o pólo da fala representada pelo A”.⁵ Adiantando alguns passos, Lacan está teorizando sobre a destituição subjetiva e não acerca de uma restauração, restituição, ou de qualquer outra palavra que a ideia de “cura”, nesse sentido, possa aventar.

Na direção do tratamento é a hiância constituinte do sujeito que se revela e não a dominação ou o preenchimento desta abertura, cuja existência é justamente o que dá a condição de que o ser falante enderece-se ao Outro. Neste importante texto de 1958, Lacan pontua que o psicanalista dirige o tratamento e não o paciente. Esta paráfrase é bastante repetida, pois, de fato, constitui um princípio crucial à Psicanálise. O psicanalista, doravante, não é um tutor moral do paciente. Se assim agir, estará ocupando a posição discursiva de mestria, o avesso da psicanálise. Nas palavras de Lacan, o analista “é tão menos seguro de sua ação quanto mais está interessado em seu ser”⁶ ao passo que “é, pois, pelo que o sujeito imputa ao analista ser (ser que está alhures) que é possível uma interpretação voltar ao lugar de onde pode ter peso na distribuição das respostas”.⁷ (SSS, mensagem invertida, etc.).

É possível ler, neste texto sobre a direção do tratamento, uma grande preocupação de Lacan acerca do modo como está sendo tomada a técnica psicanalítica pelos seus contemporâneos. Ali ele traça novas articulações conceituais, e tais conceitos “tomam consistência desde a experiência clínica e que mantém como ponto de partida a referência constante a essa experiência fundante que foi a experiência de Freud.”⁸ Uma série de diretrizes são colocadas em tensão para orientarem o tratamento, as quais passam por interrogações sobre: o *ser* psicanalista, o desejo do psicanalista, o lugar da interpretação, a transferência, o desejo e sua ética, o desejo e a morte, dentre uma série de outras questões. Ao final deste longo texto, Lacan nos deixa quando fala em Freud, quem ele nomeia como homem de desejo, de um desejo do qual, de acordo com as palavras de Lacan, soube desvendar o significante ímpar: o falo. Sobre o significante falo, Lacan situa-o claramente como um ponto estrutural:

⁵ KAUFMANN, P. Tratamento (verbete). In: KAUFMANN, P. (Ed.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*, p. 432.

⁶ LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder, p. 594.

⁷ LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder, p. 597.

⁸ VIVIANI, Alejandro Luis. Comentários sobre a direção da cura. *Revista de Psicanálise Textura*. Disponível em <<http://www.revistatextura.com/leia/comdirecur.pdf>>. Acesso em 07 out. 2013.

esse falo, recebê-lo e dá-lo são igualmente impossíveis para o neurótico, quer ele saiba que o Outro não o tem ou que o tem, pois, em ambos os casos, seu desejo está alhures – em sê-lo -, e porque é preciso que o homem, macho ou fêmea, aceite tê-lo e não tê-lo, a partir da descoberta de que não o é.⁹

Em seguida, Lacan expõe que isso, o significante ímpar, o falo, diz da “Spaltung derradeira pela qual o sujeito se articula com o Logos, e sobre a qual Freud começando a escrever nos ia dando, na última aurora de uma obra com as dimensões do ser, a solução da análise ‘infinita’, quando sua morte ali veio apor a palavra Nada”. Trata-se de um ponto estrutural que, em sua ausência, situa a falta, o sujeito barrado, dividido. Esta hiância que constitui o sujeito é com o que, inevitavelmente, ele terá que se esbarrar em um percurso de análise. O final da análise possibilitaria, portanto, a mudança de posição do sujeito em relação a sua estrutura fantasmática, deixando de ser objeto da demanda do Outro para assumir-se como sujeito desejante, remetendo-se à causa de desejo.

A propósito da mudança de posição mencionada anteriormente, para discorrer sobre ela é necessário trazer à tona, de forma certamente insuficiente para a compreensão do assunto, um pouco da teoria dos quatro discursos pensados e arrazoados por Lacan no seminário 17: O avesso da Psicanálise. Tal seminário foi realizado na Faculdade de Direito da Escola de Altos Estudos, em Paris, entre 1969 e 1970. Naquela oportunidade, Lacan abriu o seminário sustentando a necessidade de fazer uma distinção acerca do que “está em questão no discurso como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um *discurso sem palavras*.”¹⁰ Pois, segundo ele, sem palavras o discurso pode muito bem subsistir. Foi a partir disso que falou da produção dos quatro discursos, quais sejam: do mestre, da histórica, do analista e do universitário.

O que se passa, então, no nível da relação fundamental de um significante com um outro significante, estrutura de onde resulta a emergência disso que chamamos sujeito? Essa é uma pergunta à qual Lacan tenta encontrar alguns caminhos para respondê-la. É bom ressaltar que, na teoria do sujeito do inconsciente desenvolvida por Lacan, um significante representa um sujeito para outro significante. Para o autor, então, “trata-se, no advento do sentido, da inclusão do sujeito representado entre significantes”,¹¹ o que, por assim dizer, culmina na famigerada definição de que o significante representa um sujeito para outro significante ao passo que o signo é o que representa alguma coisa para alguém que saiba lê-lo. A importância disso “reside no fato de que o signo refere-se a um sentido já dado, que prescinde do sujeito para advir, ao passo que o significante é produtor de sentido novo que depende precisamente da inserção subjetiva”,¹² ou seja, precisa da inserção do sujeito do inconsciente nesta estrutura. Restou definido, então, um sujeito intervalar¹³ enquanto lugar de

⁹ LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder, p. 648-649..

¹⁰ LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, p. 11.

¹¹ JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. P. 80.

¹² JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. P. 82.

¹³ “O simbólico é o registro que permite ao sujeito ocupar pontualmente seu lugar de intervalo, pois o simbólico apresenta uma estrutura que abre esse intervalo ou, melhor dizendo, é aberta por ele. Do lugar intervalar do

escansão entre dois significantes (S1...S2),¹⁴ sujeito que pode ser representado apenas parcialmente pelo significante.

O que está em questão como fundamento científico neste construto teórico é que “a linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental”.¹⁵ Assim, a subjetividade está em questão, pois, para Lacan, o lugar do sujeito já está inscrito nem que seja sob a forma de seu nome próprio. Mais adiante, Lacan afirmou que “a dualidade etnográfica da natureza e da cultura está em vias de ser substituída por uma concepção ternária – natureza, sociedade e cultura – da condição humana, na qual é bem possível que o último termo se reduziu à linguagem”,¹⁶ alocando a linguagem como aquilo que distingue a sociedade humana das sociedades naturais. No entanto, afirmou que não tomou partido quanto a essa concepção ternária a fim de apenas fiar-se no status conquistado pela linguagem na experiência como objeto científico e, por conseguinte, privilegiou a linguística como norte, a qual não deixará de ser subvertida pelo autor.

Após uma longa análise do algoritmo o qual diz ser fundante da linguística –, (que se lê aqui significante sobre significado) Lacan chegou à conclusão de que “somente as correlações do significante com o significado fornecem o padrão de qualquer busca de significação (...) pois o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão”¹⁷.

Lacan, em tom de homenagem, atribuiu a Saussure a autoria do algoritmo o qual apontou como fundante da linguística. Todavia, no Curso de Linguística Geral o algoritmo do signo registrado pelos alunos de Saussure não corresponde ao explicitado por Lacan no texto em que apresenta a inversão do algoritmo para sustentar a primazia do significante (representado por ele com letra maiúscula) sobre o significado.¹⁸ Além disso, a barra que separa o significante do significado adquiriu

simbólico, o sujeito pode olhar para os dois lados opostos. Esses dois lados se excluem mutuamente e são, por definição, antagônicos: eles são representados, na estrutura da diferença sexual, tal como elaborada por Lacan nas fórmulas quânticas da sexuação, pelo falo e pelo furo. Note-se que, para Lacan, essas fórmulas ‘são as únicas definições possíveis da parte dita homem ou bem mulher para o que quer que se encontre na posição de habitar a linguagem’. Masculino e feminino são concebidos aqui, por Lacan, como planos absolutamente distintos da anatomia corporal, ainda que esta tenha sua incidência sobre eles.”. Em JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos...* p. 100.

¹⁴ S1 é designado como o significante-mestre e está sempre situado numa referência a S2, ou seja, numa diferença em relação a S2. O S1 pode ser pensado como o nome próprio do sujeito. S2 é o saber do Outro e designa todos os significantes que não têm valor de S1.

¹⁵ LACAN, Jacques. “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. P. 498.

¹⁶ LACAN, Jacques. “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. P. 499.

¹⁷ LACAN, Jacques. “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. P. 505.

¹⁸ Sabe-se, através do Curso de Linguística Geral, que o algoritmo do signo de Saussure tem a forma contrária e diferente em outros aspectos em relação à fórmula mencionada por Lacan. No CLG o significado aparece como numerador sobre a linha que designa relação e o significante aparece inscrito abaixo dela, como denominador. Além disso, tal algoritmo foi inserido dentro de um círculo e ao seu redor foram atribuídas flechas para representar a relação de dependência de um elemento ao outro dentro do signo linguístico. Portanto, além de retirar o círculo e as flechas de dependência, Lacan inverteu a fórmula do signo de modo a estabelecer uma relação de primazia do significante sobre o significado, o que representou por um “S” maiúsculo.

com Lacan a especificidade de ser resistente à significação e de constituir função de corte no discurso (a barra é também representante do recalque). E, a partir disso, Lacan argumentou que é na cadeia significante que *insiste* o sentido, considerando que nenhum dos elementos da cadeia significante consiste na significação, pois o que se mantém do lado de baixo da barra é a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante.

No seminário 17, Lacan refere que “S1 vem representar alguma coisa por sua intervenção no campo definido, no ponto em que estamos, como o campo já estruturado de um saber. E o seu suposto, *upokeimenon*, é o sujeito, na medida em que representa esse traço específico, a ser distinguido do indivíduo vivo.” É daí que Lacan demarca o lugar do S1, seu ponto de marca como Mestre, o que “não é da ordem daquilo que o sujeito faz entrar em virtude do estatuto do saber ... Ocorreu-me no ano passado chamar de saber o gozo do Outro.”¹⁹ Na medida em que S1 intervém no campo já constituído dos outros significantes, surge o sujeito como dividido, e deste trajeto surge alguma coisa definida como uma perda, o que é designado como objeto *a*, objeto que resta da repetição, sendo que a repetição tem uma relação com o aquilo que constitui o limite e que se chama gozo. “É de uma articulação lógica que se trata na fórmula pela qual o saber é o gozo do Outro. Do Outro, obviamente, na medida em que o faz surgir como campo – posto que não há nenhum Outro – a intervenção do significante”.²⁰ É a partir do termo gozo que a inserção do “aparelho” de quatro patas, de quatro posições, dos quatro discursos, se dá.

Tomando o nível da estrutura significante, que é de álgebra, Lacan sustentou a necessidade de conhecer a maneira pela qual o discurso opera e, desse modo, propôs escrever “as coisas dando a todo o sistema um quarto de giro.”²¹ As funções próprias ao discurso (significante mestre S1, saber S2, sujeito S barrado, mais-gozar *a*) podem encontrar diferentes posições, e é justamente isso que define a rotação entre os quatro lugares (agente, verdade, outro, produção).

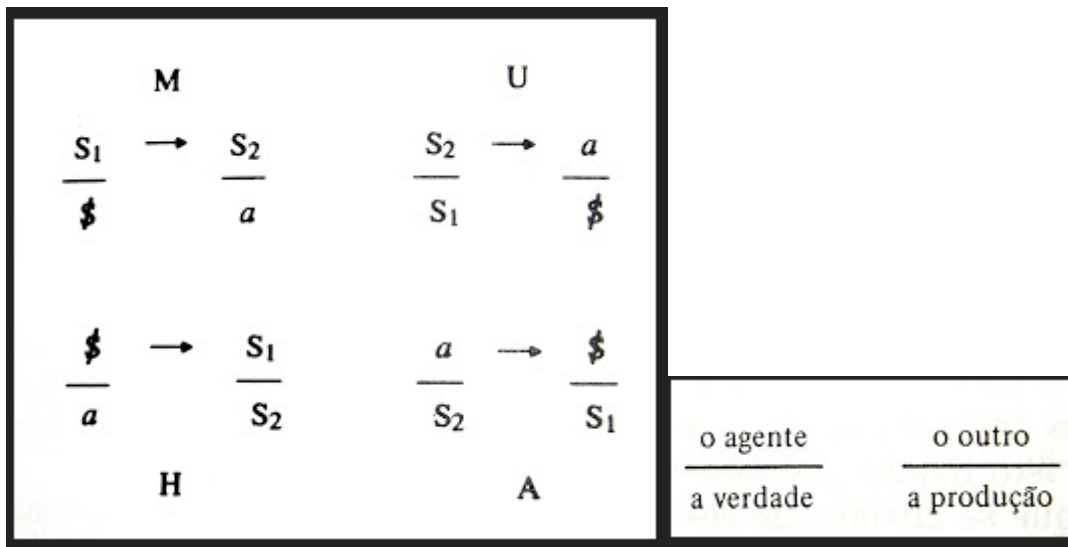
Signo constante no CLG:



¹⁹ LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, p. 12.

²⁰ LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, p. 13.

²¹ LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, p. 12.



22

O discurso do mestre, “é com isso que a coisa funciona, o ponto em que estamos da eclosão, do paroxismo do discurso do mestre numa sociedade que encontra seu fundamento.”²³ É um discurso definido por clivagem, levando em conta a distinção do significante mestre em relação ao saber. “Nesse discurso, o sujeito se encontra ligado, com todas as ilusões que comporta, ao significante-mestre, ao passo que a inserção no gozo se deve ao saber.”²⁴ Aqui é onde Lacan faz a inserção da dialética do senhor e do escravo de Hegel, dizendo que esta relação fundamental é como a que estabelece o laço entre o senhor e o escravo. O senhor faz um pequeno esforço e dá a ordem e, simplesmente cumprindo esta função de senhor, perde alguma coisa, e é através dessa coisa que algo do gozo deve ser-lhe restituído: precisamente o mais-de-gozar. As migalhas do gozo são catadas, pois o mestre renuncia ao gozo e o substitui pelo trabalho do escravo. A fórmula definidora do discurso do mestre mostra “que ele é o único a tornar impossível essa articulação que apontamos em outro lugar como fantasia, na medida em que é a relação de *a* com a divisão do sujeito... Em seu ponto de partida fundamental, o discurso do mestre exclui a fantasia.”²⁵ O discurso do mestre revela que não há relação sexual. Ele institui uma dívida e esta diz respeito à linguagem: “alguma coisa tem que ser paga àquele que introduz seu signo... *Mehrlust*”. Será o discurso da histérica que interrogará sobre o que vem a ser a relação sexual, sobre o como o sujeito (não) a sustenta.

O discurso do analista é aquele que provoca a histericização do discurso.²⁶ Isso porque é o discurso da histérica (que tem a ver com o início da psicanálise fundado pela escuta das histéricas) que desmascara a função do mestre, com quem ela acaba ficando solidária. Este discurso, o da histérica,

²² Imagens retiradas do blog Natureza em close <<http://naturezaemclose.blogspot.com.br/2012/02/os-quatro-discursos-de-jacques-lacan.html>>

²³ LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, p. 132.

²⁴ LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, p. 97.

²⁵ LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, p. 114.

²⁶ LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, p. 33.

“revela a relação do discurso do mestre com o gozo, dado que o saber vem ali no lugar do gozo.”²⁷ E aqui é importante notar que neste discurso há a recusa do corpo.

No discurso do analista é o objeto *a* que vem no lugar do mandamento. “É como idêntico ao objeto *a*, quer dizer, a isso que se apresenta ao sujeito como a causa do desejo, que o analista se oferece como ponto de mira para essa operação insensata, uma psicanálise, na medida em que ela envereda pelos rastros do desejo de saber.”²⁸ Por isso é que o discurso do mestre é o avesso da psicanálise, pois nele “não há relação entre o que vai mais ou menos causa de desejo de um cara como o mestre”.²⁹ No nível do discurso do analista, ganha lugar o surgimento da fantasia, na medida em que “o saber, ou seja, toda a articulação existente do S2, tudo o que se pode saber, é o que está colocado, em minha maneira de escrever – não digo no real -, no lugar dito da verdade.”³⁰ E a verdade está na ordem do impossível, pois não pode revelar-se enquanto tal.

Transformação no tratamento – aproximação inicial ao conceito de transformação em Badiou

Se for possível falar em transformação no plano do que ocorre em um tratamento psicanalítico, seria somente no alcance de uma transformação incompleta que diz respeito a uma mudança de posição em relação ao discurso, alteração da atitude diante da fantasia de que a falta seria totalmente subjetivável. Trata-se de uma travessia, que é a da fantasia. E o efeito dessa passagem é a destituição subjetiva, pois é da ordem do impossível a subjetivação completa da falta. Há um saber sobre isso, que é o inconsciente. A análise resulta em uma experiência de saber onde ocorre uma assimilação da falta em ser, na medida em que “o real não se conhece, se demonstra.”³¹

Sobre este real que se demonstra Badiou tece importantes considerações, sobretudo no sentido de que Lacan, no seu entendimento, não é kantiano. Posiciona-se desse modo em razão de haver interpretações no sentido de que o real lacaniano se daria não na razão teórica, mas na razão prática, no imperativo categórico (Zizek seguiria por esta direção, segundo Badiou). Badiou entende que o esforço teórico de Lacan é de uma “exterioridade do real à antinomia entre o conhecer e o ignorar. Como tal, o real não participa das categorias alternativas do conhecer e do ignorar. Participa do que Lacan tenta inventar sob o nome de ‘demonstrar’.”³² Este “demonstrar o real” pode ser entendido em dois sentidos, de acordo com Badiou, a saber:

Por um lado, naturalmente, é a doutrina, totalmente clássica em Lacan, de que do real só há ciência lógica, formal. O real será definido como impasse da formalização. O que, então, tange ao real é a formulação ilustrada, a formalização integralmente depurada. Disso resulta que a única transmissibilidade possível do senso ab-sexo está na figura do matema. Do

²⁷ LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, p. 98.

²⁸ LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, p. 112.

²⁹ LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, p. 113.

³⁰ LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, p. 114.

³¹ BADIOU, A.; CASSIN, B. *Não há relação sexual: duas lições sobre ‘o aturdido’ de Lacan*, p. 78.

³² BADIOU, A.; CASSIN, B. *Não há relação sexual: duas lições sobre ‘o aturdido’ de Lacan*, p. 78.

real, não há nenhuma linguagem. Só há formulas. O segundo sentido de 'demonstrar o real', como dissemos, é que o acesso ao real se abre na dimensão do ato. A questão suprema é, então, a das 'relações', com todas as aspas que vocês quiserem, entre ato e matema.³³

O analista, através do ato, propõe um encontro com o real. O que ocorre em uma análise, ainda de acordo com Badiou, é a produção de algo da ordem de um saber que comprova no *só-depois* que de fato houve um ato analítico. E esta é uma função do saber no real, sendo o real tomado como impossibilidade de relação. A partir da transmissibilidade do que se passou em um processo de análise, ou seja, através do controvertido conceito de passe pensado por Lacan como procedimento de verificação retroativo de que algo da ordem de um saber se produziu no percurso de uma análise, desde esta noção de transmitir algo de tal experiência é que se pode pensar o conceito de transformação em Badiou. A transmissibilidade que se concretiza efetivamente interessa ao autor porque esta instaura a abertura de um espaço entre sentido e sem sentido, de modo que o sentido ab-sexo possa advir em uma "acessibilidade mínima"³⁴ que comprova-se no *só-depois*, nesta transmissibilidade que diz respeito ao ato analítico.

Badiou aponta, portanto, para um certo movimento que ocorre ao final de uma análise a partir da possibilidade de transmissão de um saber que poderá comprovar se houve o ato analítico, na medida em que este necessariamente deve ter provocado um encontro com o real, com a ausência. É possível dizer sobre o passe, então, que este se trata de uma "organização transitiva, depositada na fala, de ausências que se sucedem. É uma máquina que conjuga, ou não (se a coisa 'não passa'), relatos cuja disposição imanente supostamente se situa no lugar do senso ab-sexo, para verificar que a transmissão é efetivamente a de um saber em função no real".³⁵ É traçado, portanto, um espaço comum entre ato analítico e matema, e a transformação em uma análise de fato ocorre "se alguém se manteve ali onde o ato autoriza o matema".³⁶

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain; CASSIN, Barbara. *Não há relação sexual: duas lições sobre 'o aturdido' de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FREUD, Sigmund (1937). Análise terminável e interminável. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Vol. 1: as bases conceituais. 6. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KAUFMANN, Pierre (Ed.). Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan. Trad. Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges; consultoria, Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

³³ BADIOU, A.; CASSIN, B. *Não há relação sexual: duas lições sobre 'o aturdido' de Lacan*, p. 78-79.

³⁴ BADIOU, A.; CASSIN, B. *Não há relação sexual: duas lições sobre 'o aturdido' de Lacan*, p. 72.

³⁵ BADIOU, A.; CASSIN, B. *Não há relação sexual: duas lições sobre 'o aturdido' de Lacan*, p. 72.

³⁶ BADIOU, A.; CASSIN, B. *Não há relação sexual: duas lições sobre 'o aturdido' de Lacan*, p. 78-79.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Bilkstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

VIVIANI, Alejandro Luis. Comentários sobre a direção da cura. *Revista de Psicanálise Textura*. Disponível em <<http://www.revistatextura.com/leia/comdirercur.pdf>>. Acesso em 07 out. 2013.